Deveria haver uma lei que proibisse a obscenidade do abandono. Um decreto cheio de artigos, parágrafos, itens e subitens que proibissem a usurpação das ilusões e as fraudes amorosas. Que estabelecesse o direito humano inalienável e incontestável de ser amado pela pessoa amada.

Ser abandonada. Como uma bofetada. Que não pára de arder e de ressoar nas mínimas coisas que ficaram. Do abandono, tem dias que se acorda com cara de louca. Ou dias que, se é que se acorda, não se tem como saber, porque o pesadelo não é interrompido. Em *Obsceno abandono*, Marilene Felinto se permite dissecar a dor do amor partido — sem pejo, sem salvaguardas, sem vergonha de sofrer e de reconhecer-se sofrendo, até um extremo que não se imaginaria suportável.

Nesta novela amorosa, vergonhoso, obsceno, é abandonar o ser que se ama. A palavra *dilaceramento* se firma como contrapartida eventual da coragem de quem corre o risco, da dignidade da entrega desmedida. A dor é parte, apenas isso, desta mesma grandeza.

ISBN 85-01-06381-9

9 788501 063816

Marilene Felinto

Obsceno abandono

Amor e perda

COLEÇÃO AMORES EXTREMOS

Nada do que se escrever sobre o amor já não foi sentido. Tudo o que se lê sobre o amor pode ser revivido. AMORES EXTREMOS é a coleção de novelas inéditas que a Record traz para você, reunindo uma seleção das melhores escritoras brasileiras da atualidade. O amor mais sonhado, o que se fez invisível, ou que mudou de rosto — como as fases da Lua —, como se escorresse por entre nossos dedos... ou de nossos lábios, e logo quando parecia tão, tão presente. E o amor realizado, reconquistado, refeito... Histórias sobre o que se desejou do amor, sobre o que não se quer ou não se consegue esquecer. Ou sobre o que ainda se quer amar.

AMORES EXTREMOS é mais uma demonstração da magnitude da presença feminina na literatura brasileira. Não que esse fato careça de comprovações, mas é sempre importante destacar que as escritoras brasileiras, já participando de uma sólida linhagem literária, têm conseguido imprimir às questões humanas um tom particular. O universal se torna a exposição da intimidade; a instabilidade de nossas certezas e sentimentos é transcrita sobre esse trânsito entre o sonho e o concreto, característico de quem, naturalmente, entende a vida em ciclos.

A Record se orgulha de lhe oferecer a oportunidade de percorrer estas novelas de amor. Será como ler a você mesmo, e aprofundar-se, nestes personagens e em seus dramas. Afinal, em algum recanto nosso, todos temos, a encontrar, AMORES EXTREMOS.

FOTO MARLENE BERGAMO

Marilene Felinto formou-se em Português e Inglês, Língua e Literatura pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo em 1981. De lá pra cá, escreveu os romances *As mulheres de Tijucopapo* — traduzido para o inglês, holandês e francês — e *O lago encantado de Grongonzo*, o volume de contos *Postcard*, além de um ensaio biográfico sobre Graciliano Ramos. Também é autora de *Jornalisticamente incorreto*, volume de crônicas publicadas entre 1997 e 1999 em sua coluna na *Folha*. Em 1983, recebeu o prêmio Jabuti na categoria Autor Revelação. Em 1992, foi convidada pela University of California-Berkeley para ministrar um minicurso de literatura brasileira, e, dois anos depois, pela Haus Der Kulturen der Welt para participar de um circuito cultural de literatura brasileira pela Alemanha. Em 1998, foi convidada pelo Ministério da Cultura da França para participar do Salão do Livro de Paris em homenagem ao Brasil. Atualmente é colunista da *Folha de S. Paulo*.

Ilustração da capa: Paul Gauguin, *Undine*, 1889, óleo s/tela, 92 x 72 cm

Obsceno abandono

Marilene Felinto

Obsceno abandono

Amor e perda

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2002

Cip-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros RJ.

F352o Felinto, Marilene, 1957-
Obsceno abandono: amor e perda / Marilene Felinto. – Rio de Janeiro : Record, 2002
. — (Amores extremos)

ISBN 85-01-06381-9

1. Novela brasileira. I. Título. II. Série.

CDD 869.93
02-0910 CDU 869.0(81)-3

Copyright © 2002 by Marilene Felinto

Projeto editorial: Veio Libri
Projeto gráfico: Regina Ferraz

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Direitos exclusivos desta edição reservados pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000

Impresso no Brasil

ISBN 85-01-06381-9

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052
Rio de Janeiro, RJ – 20922-970

EDITORA AFILIADA

"O amor, já de si, é algum arrependimento"

João Guimarães Rosa

Sumário

1. ABANDONO
9

2. OBSCENO
47

1

ABANDONO

Arrependimento é a pior de todas as palavras — tem erres que se arrastam no tempo, fazem ruído, rangem como dentes na casa silenciosa de meus ouvidos de noite. É uma espécie de maldição.

Mas e daí? O que me importa? Corri por fora, uma cabeça, duas, um corpo, dois corpos, como esses cavalos em que ninguém apostou mas que surpreendem no último páreo, na reta de chegada. Saí por fora, sozinha. Ninguém dava nada por mim.

Hoje é sábado de noite no silêncio da minha casa, e eu estou pondo roupa no varal como se fosse qualquer outro dia deste mês da minha desgraça. Dia, noite, segunda, terça, tanto faz. Estou só.

De todas as pessoas que não me quiseram, Charles foi a pior — penso.

Aliás... Interrompo a tarefa caseira.

Telefono:

— Quero que você venha tirar suas coisas da minha casa.

— Que coisas eu tenho na sua casa? Se forem os presentes que eu te dei, pode jogar no lixo — o homem responde.

— Não. Suas coisas, suas roupas...

— Que roupas?

— As porras das suas cuecas! Que eu não agüento mais abrir gavetas!

Não agüento mais abrir gavetas e me deparar com a roupa mais íntima de Charles, uma preta, outra clara. Cuecas que me olham com seu olhar de coitadas, de largadas no fundo da gaveta de um guarda-roupa que me encara, surdo e mudo, todo embutido na parede que me agride. Tudo é silêncio no meu quarto cheio de paredes.

Outro dia, sem motivo que justifique, vesti uma das cuecas. Dormi vestida com ela, único pano-mortalha sobre o meu corpo vazio, semimorto.

— Venha tirar suas cuecas daqui! Que eu não quero enlouquecer.

— Vou tirar coisa nenhuma.

— Pois você vai ver só... Vou encher de merda e jogar na sua porta!

Telefone batido, volto ao varal, aos prantos.

Sei que pareço uma louca, e que, se eu enlouquecer por amor perdido, por um homem que afinal não me quis, os médicos de loucos vão se aproveitar do intervalo da sinapse e me entupir de remédio bem ali, para que eu esqueça, me acalme e repouse. O segredo está na sinapse, um amigo médico me disse. A sinapse é a conexão entre dois neurônios, duas células vizinhas. Ela faz o contato entre essas células, para que se propague o impulso nervoso de uma para outra. "Você aproveita esse intervalo, joga um remédio lá dentro, a pessoa alucina menos, fica mais lenta."

Depois deste abandono, sei que tem dias que acordo com cara de louca. Mas em que lugar do cérebro fica, afinal, o arrependimento? Em que válvula, em qual espaço vazio se aloja essa doença?

Volto ao varal, em prantos, hoje é sábado de noite, marco, para me localizar.

A cabeça embotada, os sentimentos em frangalhos, fujo, organizo uma lembrança que me tire do momento de dor e silêncio. A lembrança vem nas palavras que li pela manhã em um livro... (qual? de quem?). Mas eu sublinhei o trecho. E minha memória é visual como as linhas da página:

"Quem perdeu o amor sabe-se abandonado por todos, por isso despreza consolo. No absurdo da privação é-lhe dado a perceber a inverdade de toda realização meramente individual. Mas, com isso, ele desperta para a paradoxal consciência do universal: do direito humano inalienável e incontestável de ser amado pela pessoa amada.

Ao ofendido, preterido, uma coisa fica clara, de uma maneira tão penetrante como quando as dores agudas iluminam o nosso corpo. Ele compreende que no ínti-

mo do amor obcecado, que disso nada sabe e nada deve saber, vive a exigência de quem não está obcecado. Ele sofreu uma injustiça; daí ele deriva a reivindicação do direito e, ao mesmo tempo, tem que rejeitá-la, pois o que ele deseja só pode vir da liberdade. Nesse apuro, o repudiado torna-se um homem."

Tornar-se homem, manter esse equilíbrio de gente... Como conseguir esse equilíbrio de ser homem, criatura humana que se segure sobre duas pernas fracas como as minhas? — fracas para o meu corpo pesado e sozinho. Eu temo é pelo meu corpo — pelas dores agudas, pelas feridas, pelas chagas incuráveis —, tenho medo das línguas de asfalto que cobrem as ruas da cidade grande e dura. Moro em São Paulo, o prédio é alto e minha insignificância cresce. A cidade nem ao menos me esmaga — apenas me joga na cara sua face de concreto.

Eu queria ser mais monstruosa — dessas mulheres grandes e monstruosas. Eu queria não depender de ninguém. Mas não — sou toda mediana, toda feia e mediana. Meus amores não têm base de sustentação, são como prédios de alicerces malfeitos — com o tempo, acabam ruindo por inteiro. Meus cálculos são de engenharia chinfrim, entendo pouco da resistência dos materiais humanos. Só sei que tem dias que acordo com cara de louca.

— Nós não estivemos em Paris? Aquilo, em Paris, não era amor? — perguntei a Charles na nossa última conversa.

Era como se eu quisesse dizer que Paris era uma cidade para namorados e era como se eu quisesse dizer que até isso nós tínhamos feito, e que (era como se eu quisesse dizer) poderíamos fazer de novo se fosse para consertar as coisas e não nos perdermos.

Esforcei-me para recordar nossos bons momentos de Paris. Voltaram relâmpagos fugidios à minha memória, o rosto de Charles sorridente, longas caminhadas pelas ruas frias de noite, e nenhuma cena de amor no quarto (como era nosso quarto em Paris?). Nada. De Paris eu só me lembro nitidamente de um homem caindo da plataforma nos trilhos da estação de metrô. Só me lembro da poça de sangue se formando imediatamente sob sua cabeça depois do choque. De Paris, só me lembro desse homem em desequilíbrio.

Era noite em Paris. Estávamos sentados à espera do trem na plataforma, Charles, eu, mais alguns poucos passageiros.

— Você não quer ficar comigo, não é, Charles?

— Olha, eu já cansei de você viver perguntando isso. Não estou aqui com você agora?

— Isso não significa nada. Por que você não se separa dela?

— Não significa nada? Então, o que é que significa?

— Por que você não se separa dela?! — eu quase gritei, interrompida pela figura de um homem grande e cambaleante que irrompeu plataforma adentro.

Estava bêbado, balbuciava coisas. Estava sujo e era muito alto. Só havia ele em pé na plataforma. Impressionou-me o tamanho de suas pernas longas, sobre as quais ele mal se segurava, andando de um lado para outro à nossa frente. Impressionou-me que um corpo pese tanto às vezes para o suporte frágil das pernas. Não era melhor que andássemos de novo de quatro, como antes, como bichos? Para que tanta humana ousadia?! Charles e eu nos entreolhamos — como talvez todos os outros passageiros tenham feito —, conectados num átimo de segundo pelo pensamento de que o homem poderia cair.

Durou poucos segundos até o homem se posicionar ameaçadoramente para além da linha amarela de segurança riscada no chão, de costas para os trilhos. Durou poucos segundos até alguém gritar:

— Ele vai cair!

E ele já tinha caído, e a poça de sangue espesso, cor de vinho, já se formara debaixo de sua nuca. O trem vinha vindo, e o homem caído de costas, cabeça no ferro do trilho. O trem vinha vindo, despontando com sua luz dura lá no fim do túnel. Pusemo-nos

todos a gesticular em desespero para que parasse. O trem parou, pesado e silencioso, a poucos metros do homem caído, como um monstro de ferro observando sua vítima feita de carne e ossos moles, como um monstro dócil e compreensivo.

Não me lembro de mais nada daquela noite — não me lembro se nos abraçamos na cama, se fizemos amor, se nos falamos, se brigamos. Dormi com o peso da imagem do homem nas minhas retinas. E com o letreiro da estação de metrô MADELEINE na minha memória visual, e com a certeza fatal de que ninguém salva ninguém.

Para mim, o assassino é Charles. Para mim, ele não passa de um assassino. Eu me sinto como uma pessoa fuzilada, que tivesse um buraco aberto, um vazio violento — não um orifício destes como o da minha vagina, não. Uma dor. É seco o buraco, é a perfuração de um tiro, tiro de bala, bala de arma, de fuzil. Não, repito, não o orifício da minha vagina (hoje, aliás, amortecido, amarfanhado e mofino como uma cadela doente).

Onde fica, no meu cérebro, este lugar abstrato deste sentimento abstrato e nauseante como os efeitos de uma bebida ruim? Onde fica o arrependimento? É uma sensação de areia nos olhos, um zunzum na cabeça, uma insônia, um medo de enlouquecer, de ficar como os doidos da rua da minha infância.

— Eu estou aqui mesmo! Não tenho vergonha de negar que estou aqui mesmo! — Macsuel gritava essa ladainha desconexa, subindo e descendo a rua, nas tardes abafadas, perseguido pela chacota de um bando de meninos atrevidos.

Às vezes ele se irritava, ameaçava com gestos bruscos, soltava uns urros de animal:

— Eu estou aqui mesmo! Não tenho vergonha de negar que estou aqui mesmo! Mesmo! Vergonha! De negar! — o rugido ecoava pela rua toda.

Contavam que Macsuel dissera isso na cara do juiz, no dia do julgamento. Parece que o juiz riu, ou quase riu. Diziam que a cena foi inesquecível, dada a sincera convicção com que Macsuel respondera à interpelação do magistrado.

— O senhor confirma que é Macsuel Oliveira Paiva?

— Eu estou aqui mesmo! Não tenho vergonha de negar que estou aqui mesmo! — respondeu, batendo continência.

Contavam que Macsuel tinha sido garimpeiro na Amazônia e em Minas, que perdera tudo, todas as pedras preciosas de sua vida, incluindo uma mulher que o deixara por outro, e que então ele matara e fugira e depois enlouquecera, nessa ordem.

Macsuel tinha sido abandonado entre rochas e rochedos, nos contrafortes da serra do Espinhaço, onde

o crime acontecera. Era como se a vida tivesse escavado Macsuel, lavrado e escavado até ele não passar de uma cratera, uma erosão, uma falha exposta. Ele era seus próprios escombros, suas ruínas. Era como se ele tivesse engolido as próprias pedras da terra que ele e outros sugaram como quem suga o peito de uma velha — eram as mesmas rachaduras, a mesma coisa exangue, exausta, os mesmos veios na sua cara. Aposto que Macsuel se arrependera.

Mas então eu não cresci para virar um daqueles loucos como Macsuel ou Maria Doidinha, uma alcoólatra desequilibrada que se postava de quatro em pleno meio da rua e levantava a saia, para quem quisesse ver. (Acontecia que, em segredo, e movida por uma mistura de repulsa, curiosidade e medo, eu, menina, achava bonita a cara larga e morena, a cara cheia de esgares e palavrões de Maria Doidinha. Em segredo, eu achava.)

Mas eu não posso ter virado exatamente o que eu mais temia.

No quarto do hotel, em Paris, a conversa com Charles prolongara-se noite adentro:

— O que eu tenho para te dizer é que nunca imaginei que a minha vida ia se transformar nisso, Charles. Nunca pensei que fosse virar essa pessoa desprezível que eu me sinto. Então, algo está errado. Ou você se separa dela, ou...

— Eu não vou me separar dela.

E foi assim. E era assim que o mundo desabava de novo sobre a minha cabeça.

Foram cinco anos de conflito e aflição: muitas vezes, como hoje, eu perdi a fala. Era tanta incompreensão que era como se às vezes eu falasse outra língua, outro código, como se às vezes não me reconhecesse, a não ser pelo cavalo que ainda sou. Conflito e aflição. Hoje mesmo, pela manhã, perdi a fala quando o porteiro interfonou. Às vezes estranho as palavras, como se estivesse louca. Conflito e aflição — palavras parecidas, em português, mas que não parecem português, do mesmo modo que as palavras "tenra" e "fuzil" soam como de uma língua estrangeira no silêncio das minhas cordas vocais.

Depois deste abandono, a primeira coisa que me acontece é que eu durmo mal, e perco a fala — como perdia quando era menina e não dizia nada a ninguém sobre nada, não contava nada, não revelava nada, não pedia opinião a ninguém sobre nada, passava dias muda (para não gaguejar), como uma pessoa que não tivesse fala.

Era a mesma angústia no peito, uma leve falta de ar, um princípio de claustrofobia e pânico — a gagueira.

Era como aconteceu hoje pela manhã.

O porteiro do prédio tocou pelo interfone. Pensei em não atender. Sabia que era a empregada chegando. Mas duvidava que fosse conseguir falar, emitir um único grunhido como resposta. Quando estou sofrendo, acontece isso: eu não falo. A fala não sai, ou vem truncada, ronco, gemido, muxoxo, soluço, gagueira involuntária e obtusa. O interfone já gritava quando eu peguei do aparelho para responder:

— A dona Jaqueline está aqui — comunicou o porteiro.

— ... (Silêncio meu, não consigo dizer nada.)

— Alô!

— (... A voz não se forma na minha garganta surda.)

— A dona Jaqueline está aqui! Alô! — o homem exigia.

— (Silêncio. Nenhum vento batia nas minhas cordas vocais imóveis.)

— Alô! Alô!

— (Nada, nenhum som. Não consigo responder, imobilizada.)

— É a dona Jaqueline, alô!

— (Silêncio meu. Como se o mundo fosse um vácuo, como se eu fosse um molambo se debatendo ao vento.)

— ...Alô!

— (Era uma espécie de choque aquilo em que eu estava.)

— Alô! ... — o porteiro demandava, estranhando aquele defeito-não-defeito do aparelho. Ele sentia que alguém o escutava na outra ponta que seria eu.

— (Pois eu era a outra ponta dessa comunicação que não se realizava. Esse fio que não se conectava.)

— (... Fez-se também um silêncio do lado de lá. Era o porteiro se perguntando por que a máquina-eu não respondia.)

Eu precisava ser a máquina que falasse, mas a minha engrenagem estava partida. Eu não respondia. Decididamente não respondia. Estava engasgada na minha garganta uma resposta qualquer que fosse:

— "Ah, sim, pode mandar subir" — simples assim. Simplesmente assim, uma fala articulada, pronta, palavra atrás de palavra na viagem de uma ponta até a outra ponta que era eu. Mas eu não conseguia pronunciar.

Ou então:

— Ah, tá bom, manda ela subir, por favor — e bastava isso. Isso que engasgava no meu gorgomilo e não se formava nem ruído, quanto mais som, quanto mais voz feita de frase.

Ainda:

— Ah, claro! É minha empregada, pode mandar subir — tão claro assim para a escuridão total da minha mudez, dos canais mortificados da minha fala.

Quando eu era menina, brincava de telefone com duas latas de leite vazias e um pedaço de cordão amarrado de uma para outra, esticado em longas metragens de distância entre o emissor da mensagem e o receptor, entre uma e outra ponta da comunicação:

— Valmir? Você quer ficar comigo?

— Não estou ouvindo nada!

— Eu queria saber se você quer ficar comigo!

— Brincar de amigo?! O quê?

Valmir se escondia de mim no oitão da casa, atravessava os quintais que se intercomunicavam, fingindo não me escutar. Só havia ruídos na linha de cordão, na lata que eu enfiava no ouvido, então, para escutar o ronrom do mar, já que os homens não me queriam, para ouvir o baque das ondas, a queda brusca das ondas na areia da praia. Eu gostava daquela violência — já era tão dificultoso entender por que um homem não gostaria de mim e só de mim que eu preferia outras forças da vida, revoltas, hecatombes, catástrofes de água salgada e areia.

Um dia eu chorei de pura rejeição, experimentando caírem dos meus próprios olhos as marolas salgadas. Interrompi a comunicação com as latas, saí correndo pelos quintais e desapareci montando numa árvore alta. Passei o resto do dia ali — no meu cotidiano de menina que tinha o resto da vida a perder —, gaga, amuada, sem querer a opinião de ninguém sobre nada.

No dia seguinte eu me salvava armando uma vingança contra Valmir, a pequena cena de sempre, na brincadeira de esconde-esconde. Como nós nos escondíamos em duplas, e ele era sempre meu par, eu o rendia num canto do muro no oitão escuro, secreto. A noite já caíra, uma brisa leve amainava o mormaço do dia quente, batia em cheio no cabelo loiro de Valmir, que então esvoaçava e me enfeitiçava. Pois eu o rendia no canto do muro e abaixava seu short até o joelho.

— Eu quero mexer no seu pinto — eu exigia, meio afogueada de tesão e correria.

Valmir ficava mudo. Nunca respondia. Eu abaixava a cueca e tocava no talo daquela flor entre as pernas dele — era eu a dona da situação, a coragem era minha, a vida era minha, quando eu crescesse seria uma grande mulher, uma mulher monstruosa, dessas mulheres grandes e monstruosas como os cavalos de corrida.

O talo entre as pernas dele ia endurecendo aos poucos, depois murchava, depois endurecia de novo. Eu tinha uma ardente curiosidade por aquele pequeno movimento de vida autônoma, por aquela onda que perpassava o corpo dele em arrepio (mas eu não me lembro se Valmir tocava em mim!).

— Valmir?! Você quer namorar comigo?

— Ã? Você fala pra dentro! Fala mais alto!

— Você quer namorar comigo? — eu sussurrava pelo telefone de lata, que eu não podia gritar aquilo aos quatro cantos do quintal e receber como resposta um não em eco.

— Ã? Você é tonta! Vê se fala pra fora!

E eu ficava olhando para a aspereza daquele cordão esticado entre um quintal e outro, para aquelas latas reluzindo à luz dura do sol da tarde — aquele telefone de mentira, aquela vida de faz-de-conta. Eu já não entendia por que um homem não gostaria só de mim, por que não seria eu a escolhida.

No dia seguinte, ou eu armava uma vingança contra Valmir ou adoecia, tinha uma febre como tive numas férias. Fiquei de cama, afogueada e vermelha, delirando durante dois dias:

— Valmir! Alô!

— Ela está delirando... — minha mãe dizia, pondo compressas na minha testa. (As mães sempre descobrem que as filhas estão sofrendo. Elas tocam sem querer no centro da fenda. As mães e os pais, como ratos, se mobilizam na inútil proteção das crias que sofrem por amor — de amor perdido, fantasiadas de palhaço. Uma lágrima escorre e borra a maquiagem do rosto, a fantasia — a mãe, como uma rata, fuça, fareja e descobre.)

E já então eu confundia o nome dos homens, Valmir com Ricardo, que também tivera uma febre es-

carlatina, Ricardo com Cláudio, que também era loiro e cujo cabelo também esvoaçava batido pelo vento. Mais tarde eu confundiria Cláudio com Siegfried, o primeiro homem estrangeiro da minha vida. E já naquele tempo os homens para mim eram todos iguais, me faziam sofrer, me magoavam como os assassinos magoam suas vítimas.

Na febre, eu me erguia e ficava em pé na cama e depois cambaleava e caía.

— Alô, Valmir! Posso brincar com você?! — e caía, meu corpo leve tombava como um balão sobre a cama. As latas de leite reluziam vazias à luz do sol. Era um mundo de faz-de-conta, onde às vezes eu também era um cavalo de corrida. A febre me queimava por dentro, a luz do quarto feria meus olhos e parecia para sempre eternamente acesa. A febre me deixava feliz e infeliz ao mesmo tempo. Eu olhava para os meus dedos e eles se transformavam no talo endurecido entre as pernas de Valmir. Eu tinha cinco pintos endurecidos na minha mão espalmada. Eu me erguia, vitoriosa, punha-me de pé sobre o colchão mole, sob a luz mortiça que eu achava que era o sol batendo dentro do quarto, eu ia falar, toda dona da situação, mas não podia, não conseguia, gaguejava, a fala saía cheia de pedras pela boca — eu então desabava feito um saco inerte na cama. Para que tanta humana ousadia?!

No dia seguinte, recuperada, eu morreria de fraqueza e vergonha. Passava dias escondida, com raiva de Valmir, com vergonha de ter sido descoberta na minha fraqueza de menina rejeitada e sujeita a febres, coqueluches e feridas: como tinha medo de ficar doente, escondia minhas dores até quando agüentava, ou até quando minha mãe descobria, percebendo que eu andava mofina pelos cantos da casa, quieta feito um cachorro que não soubesse expressar os incômodos que sentia.

Hoje é sábado de noite no meu cotidiano de mulher que tem o resto da vida perdido. Está tudo tão silencioso no meu quarto cheio de paredes. A vida não tem sentido. Só o vento sopra e assobia lá fora.

Arrependimento: os dentes de Charles rangiam de noite, eu me lembro disso como um ruído insistente na casa silenciosa dos meus ouvidos. A casa vazia — minha atmosfera é a dos enterros, do silêncio dos velórios, cortados por soluços súbitos, por urros que eu não ouso dar e que morrem abafados dentro de mim.

Esta é a concreta cama onde ele não estará de novo comigo. Esta é a cama, no quarto onde dormirei sozinha, na casa da mesma cidade (quase do mesmo bairro) onde ele também vive — distante, muito distante de mim. Não é em mim que ele faz carinho de manhã, não é em mim que ele faz carinho de noite. Não foi comigo que ele dormiu ontem. Não foi co-

migo que ele acordou hoje. Não será comigo que ele vai dormir hoje. Não será comigo que ele vai acordar amanhã. Esta é a concreta cama vazia.

Meu único caminho teria sido aceitar a solidão como quem aceita uma marca de nascença, uma vergonha estampada na testa. Moro em São Paulo, onde parece que os edifícios é que caminham, passam andando por mim com seus membros gigantes, seus pés de elefantes. Sequer me esmagam, passam sólidos, pesadamente desviando de mim, que não sou senão um cisco, um molambo que o vento atira para lá e para cá, um argueiro no olho, uma febre: eu que despenco na vida como um limpador de vidraças despenca do alto dos edifícios amarrado a uma única corda; eu que sou uma aranha e somente um fio me liga ao mundo.

Toda a minha vida foi desperdiçada em criar vínculos que não existiam, que nunca existiram nem poderiam existir no tempo e no espaço — são vínculos de elástico, o destino esticando de um lado uma ponta, e eu esticando do outro a outra ponta, feito crianças que brincam. Em algum momento o destino soltava a sua ponta, e então o vínculo ricocheteava e vinha bater na minha cara, deixando o vergão vermelho, a marca, o ardor. Ou era eu, então, que resolvia dar na cara do destino como quem joga ao contrário um estilingue. Toda a minha vida foi a vida de

uma anormal. A vida de um funcionário cuja ficha não cabia nos registros da empresa, de um amante que não se casava nos cartórios.

Meu único caminho teria sido aceitar a marca de nascença, ficar sozinha, viver só. Meu erro foi a insistência, a procura incessante por um complemento, por um encontro, por uma companhia que fosse.

Meu único caminho teria sido aprender isto: que na vida tem gente que não quer a gente. A pessoa devia nascer sabendo que ninguém a quer de fato, que ninguém salva ninguém. Deviam ensinar isso à gente desde cedo, todo dia, todo santo dia, até a criança saber de cor, como a tabuada, o alfabeto, essas coisas básicas. A gente devia ter aulas de solidão na escola. Devia ter uma matéria no currículo: "Meus queridos alunos, bom dia, eu sou o professor de solidão. Vamos lá, repitam comigo, conjuguem o verbo. Ganha um prêmio quem tiver a nota mais alta na minha matéria. Vamos lá, conjuguem comigo: ninguém te quer, ninguém te quis, ninguém te quererá, ninguém te quereria, ninguém... Alguma dúvida? Quem tiver dúvida, levante a mão."

Ah, acostumar-se com a solidão, respirá-la calmamente, aspirá-la como se ela fosse um ar — é melhor do que não aceitá-la e desesperar. Acostumar-se com que eu não tenha hoje nenhum compromisso marcado, como não tive ontem (quando terei?). Aceitar

as caçadas solitárias do meu coração. Reconhecer a minha como uma agenda de possibilidades em código, de encontros marcados com gente que não vou encontrar.

Anotações: eu até gosto dessa frustração, dessa leve solidão de não ir para a cama com ninguém: nem com Js (eu teria que seduzir e não tenho vontade); nem com Jn (me seduz abertamente, não sei se por pura provocação); nem com V. (para quem levo um creme); nem com L. (que ligou para Cml. ontem de noite, só porque sabe que estou na cidade); nem com B. (sinto falta dele); nem com D., que chega amanhã. Eu até gosto dessa solidão cifrada, detalhada em maiúsculas e minúsculas, explicada em seqüência de parênteses.

O segredo é não se emocionar — não se emocionar nunca, não revelar aos outros o que você está sentindo. É estar preparado para o pior na vida, sempre para o pior.

Ou então matar. Fazer como Macsuel e matar, partir para as rebeliões, os motins, os maremotos, os terremotos e vendavais. É uma questão de se revoltar:

— Uma pessoa não pode enfiar seu sexo, seu dedo, seu membro no sexo da outra e depois ir embora! Vagina é talho aberto: eu sou um sangue, Charles, seu idiota.

É uma questão de se rebelar:

— Pois eu quero que você morra, Charles. Para que passei cinco anos da minha vida nisso? Saio sem nada — uma mão na frente, outra atrás.

É uma questão de chamar a isto de obscenidade:

— Uma pessoa não pode enfiar a língua profundamente no sexo da outra um dia (inaugurando gostos, despertando sensações, provocando arrepios de pura vida) e desaparecer depois! Uma pessoa não pode hospedar assim toda a sua língua no sensível aconchego do sexo da outra e depois deixar ali aquele vazio de lembranças úmidas e quentes.

É uma questão de afirmar que a essência dos seres humanos é desejar. Uma questão de confirmar que o desejo não suporta o tempo:

— Pois eu quero que você vá para o inferno, Charles. De todas as pessoas que não me quiseram, você foi a pior. Ora, uma pessoa não pode viver a outra com tanta profundidade, com tanta intensidade, e depois não viver mais, de uma hora para outra!

É chamar a isto de abandono:

— Uma pessoa não pode fazer isto com a outra — deveria haver uma lei, um decreto cheio de artigos, parágrafos, itens e subitens que proibissem esse tipo de usurpação das ilusões, de fraudes amorosas. *Do direito humano inalienável e incontestável de ser amado pela pessoa amada.*

E deveria haver um parágrafo único sobre a minha dor inteira.

ESTATUTO – Lei nº 0000/Do início dos tempos

Título I: Do Amor
Título II: Do Sexo
Título III: Das Disposições Transitórias

Título I
Do Amor

Art. 1º – O amor abrange os processos formativos que... Diz a filosofia: "Se, como os animais, temos necessidades, somente como humanos temos desejo." A essência dos seres humanos é desejar. Somos seres desejantes. "Não apenas desejamos, mas sobretudo desejamos ser desejados por outros."

PARÁGRAFO ÚNICO – "O desejo não suporta o tempo, ou seja, desejar é querer a satisfação imediata e o prazer imediato."

§ 1º – Esta Lei disciplina o amor.

Capítulo V
Dos impedimentos

São impedidos de servir no mesmo conselho amante e mulher de bígamo.

Capítulo VI
Do acesso à justiça

É garantido ao amante o direito humano inalienável e incontestável de ser amado pela pessoa amada.

Capítulo VII
Da proteção judicial dos interesses individuais, difusos e coletivos (existenciais) dos amantes

Art. 208º – Regem-se pelas disposições desta Lei as ações de responsabilidade por ofensa aos direitos assegurados ao amante, referentes ao não-oferecimento ou oferta irregular:
I – de amor
II – de atendimento sexual amoroso aos que se entregam por puro amor

Seção III
Da obrigação de reparar o dano

Art. 116º – Em se tratando de ato de abandono com reflexos no abandonado, a autoridade poderá determinar que o outro restitua a coisa, promova o ressarcimento do dano ou compense o prejuízo da vítima (o abandonado).

PARÁGRAFO ÚNICO – As hipóteses previstas neste artigo não excluem da proteção judicial outros inte-

resses individuais, difusos ou coletivos, próprios dos amantes.

Art. 212º – Para defesa dos direitos e interesses protegidos por esta Lei, são admissíveis todas as espécies de ações pertinentes.

PARÁGRAFO ÚNICO (das disposições transitórias sobre a minha dor definitiva):

— Eu preciso é arranjar um novo macho, Charles, para enfiar o pau entre minhas pernas — devagar, é verdade. Porque às vezes você me machucava. Às vezes você me machucava! (Mas até isso, até mesmo toda essa profundidade, essa dor, era bom.) Eu estou tão ferida, tão ferida de amor recusado que é como quando ferem um bicho e ele resiste, ainda vivo, quando não o mataram de todo. Eu sou um urro só, uma dor inteira. Só estou aqui para que alguém me mate, me livre da minha dor animal. Estou perdida. Não me mataram de todo. (Este o meu labirinto, esta a minha metamorfose em nada, em ninguém.) Foram cinco anos perdidos, Charles, para sair com uma mão na frente, outra atrás, mas não é ódio mortal o que sinto. Não é ódio mortal, é tristeza profunda o que me dá. Eu me sinto uma mulherzinha com um sexozinho que você abriu, foi abrindo, cada dia mais um pouco, às vezes me machucando, para achar o grelozinho recolhido e murcho lá dentro (a lesma

dentro do caracol), uma pontinha amarfanhada de músculo em que você bulia e bulia num chamego que o fazia todo teso, todo inchado, todo cheio de lábios grandes e pequenos. Um buraquinho gosmento lá embaixo, é o que me sinto, um buraquinho por onde você se enfiou todo e gemendo. Uma mulherzinha que ficou toda molhada na sua mão, eu não passo disso. Uma coisa é o que me sinto, uma mulherzinha-cachoeira, uma pedra, uma queda-d'água, um pedaço de lodo esverdeado e escorregadio, um escorregão, um cisco no olho, um argueiro, uma insignificância, amor. Eu fui essa várzea alagada, esse mangue por onde você abriu caminho aos solavancos, entrando e saindo, entrando e saindo às vezes com ímpetos de violência: você quase me machucava, não era? Não machucava? Certa hora (não é verdade?), eu quase gritei. Ou eu gritei? Eu por acaso gritei? Eu gritei, que você apertava os dentes e me penetrava com fúria, um misto de ânsia e volúpia, um misto de amor e ódio. Eu gritei. Foi entre o prazer e a dor que eu gritei. Então você parava quando do meu grito, diminuía o ritmo, pedia desculpas. Você me odiava (e seu ódio, por alguns instantes, me espantava). Por alguns instantes apenas eu não gostava de você, por alguns instantes apenas eu desconfiava de que você não me queria de fato. Estava claro, por alguns instantes, que você me deixaria. Mas agora é um nada, minha vagi-

na é uma lesma úmida como antigamente, quando eu era menina e me punha horas inteiras a perseguir e percorrer o caminho de gosma brilhosa que as lesmas iam deixando pelo quintal da casa, pelos muros, pelas paredes. Até que eu achava a lesma toda protegida dentro do seu caracol e matava a pedradas, a pisões e pontapés. Não sei por que aquele prazer perverso. Depois eu me achava ruim, a pior menina das redondezas: e já imaginava a mulher grande e monstruosa que um dia eu me tornaria.

(Fim das disposições transitórias)

— Charles, venha tirar as suas coisas da minha casa! Eu preciso esquecer que você existe.

É preciso esquecer, tirar a pessoa da cabeça, da memória. Esquecer aquela pessoa, parar de pensar nela para sempre, cortar todas as lembranças... É uma tarefa monstruosa, porque a pessoa está instalada lá, como uma raiz instala e infiltra seus tentáculos no mais profundo da terra, esparramando-se a perder de vista, numa rede sem começo nem fim, numa meada sem ponta de fio, em nós que não desatam, como uma árvore de grande caule, de tronco poderoso e áspero e antigo, que é preciso arrancar pela raiz ou esperar a eternidade que vai levar até que ela apodreça, tombe e caia. É preciso cortar pela raiz.

A pior tarefa que a vida me deu é esta de cavoucar minha memória, lavrar até arrancar Charles dali. Esquecer, lembrar e esquecer são maldições da mesma linha de se arrepender.

É como uma insônia, um pensamento constante, a ausência. Um dia acorda-se e: Ah, então foi isso? Como é que pode? Como é que pôde? Não existe mais nada entre nós.

Então hoje eu tirei sua roupa como quem arranca uma raiz do solo, a camiseta que eu gostava tanto de vestir, que ele me deu, que era seu corpo no meu corpo, a minha reserva orgânica, o meu rastro de vida, a presença de pêlos absorventes da raiz dele nas vizinhanças do ápice do meu corpo — que toda raiz se nutre das reservas orgânicas e minerais de um solo, ali a origem de suas ramificações, umas subterrâneas, outras aéreas. Foi hoje o dia de revirar este solo, então, antes cheio de você como de um sistema de raízes adventícias, fasciculadas, antes cheio de seu feixe, as gramíneas que protegem qualquer solo da erosão. Foi hoje o dia da minha ruína.

Como é que pode? Como é que pôde? Este buraco de raiz arrancada, esta erosão em que vai se transformando aos poucos a minha vida, à medida que você me abandona.

Eu vi um homem caído hoje na rua, no asfalto negro e quente da língua da rua. E os olhos do homem

se viravam exibindo obscenos apenas as partes brancas. Não poderia ser eu aquele homem caído, devorado pela língua quente e suja do asfalto? A cidade passava por ele, a cidade com seus pés de elefante. O homem provavelmente sentira-se mal, tivera uma síncope, estava tão solitário que era indescritível a sua solidão.

A minha pergunta é: como é que se chega a isto? Para que tanta humana ousadia se caímos, se é o chão o que nos espera? Minha pergunta é: como é que eu vim dar nisso? Não era essa a vida que eu planejava para mim. Não me reconheço em nenhum dos amores que perdi. Arrependimento é uma espécie de não-reconhecimento de si mesmo, uma espécie de loucura.

Viver sem Charles é como um corte que não pára de sangrar de cima a baixo do meu corpo. Os prédios grandes, as construções envidraçadas que seguem ferindo meus olhos como estiletes — minha própria vagina é um talho aberto, um corte, uma fenda que abriram e que ele reabriu. Eu sou um sangue, eu não perdôo tanto abandono:

— Abandonar alguém é um ato de uma covardia. É de uma brutalidade típica da morte. Somente a morte pega as pessoas assim desarmadas, de pernas abertas, nuas. Você já aprendeu a ficar sem mim, Charles. Você sempre soube. Na verdade, eu nunca passei de um lucro na sua contabilidade amorosa,

um lucro dispensável e desimportante, um lucro supérfluo.

Eu não quero mais saber das pessoas que me fizeram mal. Não sou mais uma menina que tem o resto da vida a perder — sou uma mulher, tenho o resto da vida perdido. No meu aniversário deste ano, um ex-namorado me escreveu. Do meio de seu egocentrismo, comunicou-se comigo; do meio de seu cinismo, mandou-me uma mensagem.

"Querida.

Mando para você esta mensagem curta e simples pelo seu aniversário — mas em tempo. Espero que você tenha um bom dia — um dia que seja um tanto especial, mas não muito, um dia ensolarado e talvez um dia para sonhar com novas coisas por vir, por acontecer, novos amigos para conhecer — e talvez novos amigos para reencontrar (como eu...).

Tenho sentido um pouco a sua falta, e também sonhado às vezes. Espero te ver no ano que vem. Espero que você esteja amando, e espero que seja feliz, feliz com você mesma e com as pessoas que ama.

Beijo"

No original, veio assim:

"Dear

I send you a tiny simple e-mail for your birthday — tiny but in time — :-) I hope you'll have a nice day —

No original, veio assim:

"Hi my dear

I'm happy to have heard your voice tonight. It was a wonderful New Year's surprise. What if we'd lived in the same town for years. Would we be close friends or lovers? Or would we hate each other? Distance's effects are difficult to imagine. It was not easy to get intimate by telephone after such a long time, wasn' it? But then slowly it became a nice and open talk. I'd really like to visit you. Shall I come around March? Tell me if you'd like to see me. I could try to escape for 10 days.

Anyway: it was wonderful to talk with you tonight. And as I'm a little bit drunken I won't go on cause I might not remember :-)

These are my new office numbers and e-mail:

Beijo."

Na última vez em que nos encontramos, este homem e eu, ele estava meio brutalizado; o rosto mais grosso, mais gordo, mais forte — tinha sinais de insensibilidade, de perda da inocência. Alguma coisa nele se perdera. Parecia amargurado, castigado pela vida — o que só fez aumentar meu desejo ardente de fazer como nos nossos melhores dias, meu desejo ardente de enfiar minha cara entre suas pernas, de fazer nele um "blow job" (como ele dizia) longo, demorado e detalhado no grande talo ereto entre suas pernas — e depois beijar sua boca.

Mas não, tomamos um café horrível às pressas no aeroporto e nos despedimos. E eu fiquei ali parada, pensando que quando nos conhecemos ainda não tinham inventado o celular nem o computador. Tudo tinha mudado, a vida tinha mudado toda. Até o cantor preferido daquele meu namorado antigo tinha morrido e é hoje nome de um túnel. O tempo tinha passado — e ele e eu não tínhamos mais nada em comum. Eu não estava nem mesmo triste. Estava fatal.

(— Quem foi, Charles, a última pessoa que enfiou a cara entre suas pernas e meteu na boca o talo duro que você oferece, o talo doce-amargo do seu sexo? Quem foi essa pessoa?)

Ele deveria ter a obrigação de me responder quem teria sido a usurpadora do meu território, a ladra das minhas ferramentas. Deveria haver uma lei contra esta espécie de invasão do amor dos outros, do desejo dos outros, da felicidade alheia.

— Charles, você foi o homem que eu mais amei, em toda a minha vida.

Hoje eu me olhei no espelho, me achei velha, gorda e feia e me chamei de velha, gorda e feia. Eu não tive nenhuma piedade de mim. Vi todos os defeitos de quem, como eu, diz: eu sou uma coitada. Como se

eu precisasse deste exercício constante: olhar-se bem de perto no espelho, tão de perto a ponto de ver os cravos feios do nariz, as pequenas marcas do rosto, e perguntar-se se estou feliz, e responder-se que não estou e fazer-se outra pergunta, se algum dia já esteve diferente: e dizer-se que não.

Ontem eu passei uma hora me arrumando na frente do espelho, vestindo e tirando roupa, sapatos. Depois eu parei, besta, e me perguntei para quem estaria eu fazendo aquilo — e então desisti, sensata, me perdoando a hora inteira desperdiçada no delírio vão. É preciso paciência comigo mesma. (Eu até me fiz eu mesma um carinho, o carinho que você deixou de fazer, o toque, a sua mão.)

Neste mês da minha desgraça, eis que chegou certa noite e Charles disse que não me quer mais, que acha melhor não me querer mais. Tudo como a morte é — tudo que mudou de um minuto para outro, inesperado como aquilo que cabe nos décimos de segundo, tudo que mudou de um instante para outro, de uma hora para outra, de um dia para outro. Era como o tempo da morte — ou era aquilo que era vida? Afinal, a vida, diz uma canção, a vida é aquilo que acontece com você quando você está ocupado fazendo outros planos. A vida é tudo, menos os planos que se fazem para ela, os planos que fiz de ontem para hoje.

Hoje eu não passo de uma daquelas borboletas que esvoaçam, que sobrevoam pela estrada afora, depois perdem o rumo e voam baixo, vão dar de cara no vidro e se estraçalham contra o pára-brisa dos carros, em suicídio involuntário, surpreendidas em seu espaço aéreo, em seus vôos rasantes, pela presença do alienígena móvel de metal e vidro.

Meus olhos estão baixos; meu telefone é que não toca. Meu telefone que não toca é como uma faca enfiada no meu peito. Eu queria fazer sexo hoje com alguém que me amasse e quisesse dormir comigo depois. (Eu sou "dona Baratinha", que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha. Eu sou Maria Doidinha.)

2

OBSCENO

Eu só não sou a Madeleine bíblica e santificada da estação de metrô. Meu desequilíbrio fatal é outro, meu arrependimento é tanto que é físico, é dor nos pavilhões desertos dos meus ouvidos, areia rangendo nos meus olhos. Eu só me arrependo de ter aceitado um homem que não me queria. Eu só me arrependo de ter ficado de quatro, de ter me inaugurado para ele como uma virgem.

De um dia para outro — tudo muito súbito e sem ordem —, terminaram os planos de amor, as combinações, os encontros. Fiquei eu lá, parada numa esquina da vida esperando por ele, ainda esperando. Restou eu, sobrei eu na esquina da vida, cara a cara com a bofetada deste abandono pior que o da morte. Sobrei eu numa esquina da vida, não como uma prostituta desdenhosa, mas como uma adolescente tonta, cheirando a talco e ilusão.

Eu só me arrependo de ter me iludido, me enganado, contra todas as evidências. Pois que, conforme deveria dizer a lei, o "engano dos sentidos só se verifica quando as impressões sensoriais são de algum modo falsificadas por influxo da fantasia; quando meras

representações da fantasia adquirem a vivacidade de uma percepção".

"Há engano em sentido próprio quando o homem se deixa induzir, por ilusão, a um juízo falso."

E eis que aqui estou eu remoendo um arrependimento, como quem mastiga grãos de pipoca e só escuta isto: sua própria mastigação, sua própria ruminação. Eu só me arrependo de não ter tido mais amor de mim. Pois que, conforme deveria constar em lei, "amor de si é instinto de autoconservação". Eu só me arrependo de ter deixado minha vida assentar-se no mesmo erro sempre: o de perder tudo, sempre.

Verbete: madalena

[Do antr. Madalena.]
S. f.
1. Mulher dedicada à vida religiosa, em reparação do passado airado ou libertino.

Madalena arrependida.
1. Pessoa que, havendo procedido mal com outra, vem depois dar provas de arrependimento.

Não estou neste mundo para agradar a ninguém, muito pelo contrário. Não sou mais uma menina. Sou uma mulher — tenho o resto da vida perdido.

Hoje o dia amanheceu igualzinho a mim: nublado, cinza, apagado por dentro e por fora, uma tristeza.

Não há urgência, pois. Nem ninguém me procurou pelos telefones. Está tudo intacto e os telefones não tocaram.

De todas as pessoas que não me quiseram, Charles foi a pior de todas.

Na lista de todos os seus defeitos estão as suas mãos grossas, que parecem lixas, dessas lixas de raspar paredes. Seu cabelo é ralo — tomara que caia todo em breve, e que ele fique ridiculamente calvo como um homem que tem barriga e é calvo. Charles joga cartas, sai de casa para se sentar numa mesa com outras pessoas desocupadas e rasas que jogam cartas: essa perda de tempo é das coisas mais defeituosas que já pude encontrar no comportamento dele. Eu preciso reduzi-lo a nada, aumentar suas pequenas manias. Eu preciso esquecer.

Primeira noite:

— Pois saiba que logo no primeiro dia em que nos conhecemos eu estava plena de possibilidades, dormi nua e não me masturbei, só me guardando para que, se houvesse amor, que fosse com você, se houvesse gozo, que escorresse com você na hora certa da nossa primeira noite de sexo no ritmo obsedante e frenético em que se faz sexo quando se está apaixonado. Logo no primeiro dia eu me apaixonei por você.

E eu resolvi passar o dia seguinte sozinha, só para me preservar e poder me entregar a você como se fosse pela primeira vez, como se ninguém tivesse me tocado antes, me visto, me olhado, como se eu fosse um nascimento.

Nem mesmo a música que eu fosse ouvir naquele dia teria letra, verbo, palavra — queria ouvir somente música clássica, porque não queria vozes de discursos interferindo na minha inauguração pessoal, no meu grito de gozo, no meu gemido, no meu soluço.

Queria ouvir Mendelssohn, *Ein Sommernachtstraum*, como uma noiva, com direito a valsa nupcial e tudo, *opus* 61, nº 9, tudo o que eu sempre detestei.

Primeira carta:

"Ontem vesti seu short e sua camiseta, uma que você me deu na praia. Passei o dia assim, parecida com você, e sentindo na minha pele a pele da sua roupa, imaginando se tanta maciez vinha só da minha própria pele roçada pela película de sua roupa, ou da lembrança de suavidade de sua pele também tenra, ainda que mais dura de músculos do que a minha. Se você fosse outra pessoa, eu te escreveria uma carta hoje. Tenho medo de você. De que você me magoe muito um dia. Tenho medo de que você não me responda, não me corresponda e me traia. Melhor

que não haja registros de você e eu — cartas, bilhetes, presentes — senão na sua cabeça insondável e na minha. Eu morro de medo de que você não me compreenda, de que você me prenda e me abandone. Mas o pior medo é o de que você não me responda, não me corresponda. Você que não escreve nada, nunca. Hoje é o primeiro dia de frio de quase inverno, e é como se eu... Metade da minha vontade em relação a você é de medo. A outra metade é de puro amor."

Primeiro encontro:

Eu me aproximei dele como quem se esquece que as pessoas são seres graves e complicados, cheios de líquidos, desejos e passado.

— Estranho conhecer uma pessoa — eu disse no nosso primeiro dia.

— É. Por que você acha?

— Porque pessoas são seres graves, complicados, cheios de líquidos e passado.

— Graves!? — ele protestou. — "Grave" eu acho demais dizer. Como pode chamar as pessoas de "graves"? — ele protestou, homem simplificado que era, os olhos arregalados para mim.

Ele me pediu que usasse outra palavra, porque "grave" era demais para ele, que as pessoas fossem "graves" era demais para ele. Eu disse que não era nada de pessoal, nada contra ele.

— Grave sou eu, na verdade — corrigi, já com medo de perdê-lo.

E naquele dia ele me beijou na despedida, o primeiro beijo que nos demos: o toque macio no toque macio dos lábios nas nossas bocas, a novidade de experimentar uma pessoa e ser bom. E a partir daquele dia eu passei a sentir uma vontade quase incontrolável de tocar seu corpo, seu rosto, seus cabelos com as pontas dos meus dedos por um longo tempo.

E depois — eu dizia a mim mesma — eu queria pôr as minhas duas mãos nas faces do seu rosto, aproximar seu rosto de mim, colar o meu rosto na sua boca aberta, como se fosse do seu rosto que eu estivesse nascendo, como se a sua boca fosse uma vagina aberta. E depois...

— Eu adoro o jeito como você passa a mão no cabelo. Eu tinha que te dizer isso. Fico aqui te olhando fazer isso, esse teu tique nervoso que eu acho lindo. Isso me dá tesão — eu confessei, entregando-me ousada como um ser que anda sobre duas pernas.

Nunca me entreguei tanto, nunca me inaugurei tanto para uma pessoa.

No nosso primeiro encontro, passei uma de minhas mãos pelo seu cabelo, imitando um gesto que ele mesmo fazia. E disse a ele:

— Você tem essa expressão de preocupação no rosto, que eu acho linda também, que me enternece. Você tem cara de atormentado.

Primeiro jantar:

Eu nunca me entreguei tanto, me inaugurei tanto para uma pessoa.

Quando ele e eu saímos para jantar pela primeira vez, mal comemos — era porque estávamos emocionados um com o outro, porque queríamos comer um ao outro e ainda não podíamos. Então a comida não servia, atrapalhava o paladar, interferia no sabor de um no outro, o único que queríamos experimentar.

Naquele dia, eu não me alimentara de nada sólido, passara a líquidos, como quem nunca ingerira outras consistências — passei à base de sopa, um caldo desses de carne, no máximo, guardando para mais tarde toda a minha voracidade. Comi somente um pouco mesmo, para não desmaiar na hora da minha ginástica amorosa — o contrair e descontrair de músculos que é meu sexo, esta vontade de enfraquecer, me entregar e morrer.

Tudo nele me excitava (eu estava apaixonada desde o primeiro instante). Ele, como eu, não era daqui, vinha de outro lugar — como eu, dessas pessoas que amadurecem no trauma dos lugares grandes para onde são um dia transplantadas feito árvore, a raiz

pendurada, arrastando no chão, procurando vínculo com um monturo qualquer de terra onde possa reviver. Como ele não era daqui, tinha um sotaque, palavras e entonação diferentes, que eu achava de uma sensualidade excitante. E ele tinha um jeito carinhoso de tratar as pessoas, na voz, no tom — diferente de mim, que eu, em princípio, não gosto de pessoas, sou grossa e grosseira, rude. Eu não estou neste mundo para agradar a ninguém. Eu apenas corri por fora, sozinha. Ninguém dava nada por mim.

Teve um momento naquele primeiro jantar em que a gente trocou um olhar fuzilante, a gente ficou minutos inteiros se comendo com os olhos, com uma intensidade de raio atravessando um ser, uma coisa — passei semanas com aquela energia dele percorrendo meu corpo.

E eu me fiz ali uma promessa solene: se eu realmente fosse amada a partir dali, haveria de me afastar de todas as pessoas que já me fizeram mal na vida. Diria a todas: até logo, não preciso mais de vocês, já me amam. Pois eu trocava tudo para ser igual às pessoas felizes.

Mas não: fui atropelada pela vida, caí, do alto de minhas pernas fracas e no lugar errado — sou uma imigrante, uma imigrante nunca se recupera da perda.

Neste mês da minha desgraça, às vezes acordo com cara de homem, às vezes com cara de bicho, outras com cara de monstro — outras vezes com simples

cara de palhaço louco. Deveria haver uma lei que proibisse a obscenidade do abandono.

Parágrafo Único: Fica proibido dizer adeus a uma pessoa em cujo sexo se tenha penetrado tão fundo, como se por amor, salvo se a pessoa concorde ou seja avisada, comunicada suavemente.

— Ora, uma pessoa não pode enfiar um membro seu no sexo da outra, meter sussurros com sua língua no ouvido da outra, escavando, erguendo gemidos do fundo daquela criatura.

De um dia para outro, terminaram os planos de amor. E nós não nos falamos mais. Nossa comunicação truncou-se num diálogo do "não":

— Eu não quero mais viver isso...

— Não quer?

— Não, não quero. Adeus...

...no lugar do que antes fora o diálogo das juras de amor:

— Eu não vou ser cruel contigo.

— Eu gosto de você. A coisa que eu mais gostei da nossa primeira noite foi quando você beijou meu sexo, enfiou sua língua lá dentro como se já conhecesse aquele caminho como quem conhece um esconderijo.

— Eu tive vontade de fazer. E eu gostei do gosto.

Pois desde este abandono eu ando vagando, tentando esquecer, cuidar de mim — afinal, quem vai

me ressarcir do dano, restituir-me a coisa, compensar meu prejuízo de abandonada? Fui ao departamento médico, procurei um dentista. Quase chorei na cadeira, por causa do jeito manso de ele falar, de tratar, de cuidar de mim.

— Está machucando? — o doutor perguntou, tão perto de mim que era erótico.

Tinha uma voz suave, que me arrepiava.

— Se estiver doendo, levante a mão, está bem? Posso anestesiar, se você preferir.

"Doendo". Se ele soubesse o que é dor. Crateras e rombos e vazios e fisgadas de dores profundas era o que não me faltava, é o que não me falta.

O cuidado, a delicadeza, aquele fio de voz, tudo me dava vontade de chorar como uma menina. Por pouco eu não respondi:

— Anestesia, não. Eu vim aqui para sentir dor física mesmo. Dessas de quando se abrem as crateras e se expõem os nervos inflamados dos dentes. Quero ver se, desse modo, me curo da outra, uma dor abstrata que estou sentindo não sei onde.

Macsuel, o louco garimpeiro da minha rua, tinha dentes de ouro, conseguidos talvez na ilegalidade, na clandestinidade do garimpo — ele sabia que a vida vale pouco na comparação com o valor das pedras. Fechado neste equívoco, fechado na sua loucura — porque ninguém o ressarciu do dano, ninguém restituiu-lhe a coisa, ninguém compensou seu prejuízo de abandonado —, ele matou a mulher que o traiu, depois enlouqueceu e se fechou para o mundo. Andava pela rua exibindo os dentes de ouro, sem falar coisa com coisa — porque falar, muitas vezes, é mais penoso, muito mais penoso, do que matar.

Foi neste mês da minha desgraça que Charles e eu nos separamos.

No final, já não nos falávamos; só havia o ruído de nosso lixo amoroso, somente o nosso desentendimento.

— Venha tirar suas cuecas daqui! Que eu não quero enlouquecer.

— Vou tirar coisa nenhuma.

— Pois você vai ver só... Vou encher de merda e jogar na sua porta!

No final, só nos comunicávamos por via eletrônica (seria esta a verdadeira e dura comunicação?), por máquinas, a dele numa ponta, a minha na outra — no final só restara o monólogo de cada um, sem conexão, sem nexo, sem ponte que nos ligasse de fato.

Escrevi para ele uma mensagem:

— Eu escrevi, sim, para você uma mensagem que não enviei. Segue anexada aí, no final, para você não dizer que eu minto. Ontem eu tive insônia. Fiquei a noite toda pensando nesse círculo vicioso em que a gente se encontra: de tarde é bom; de noite, ruim pra

mim ou pra você, sempre depois que um de nós dois diz algo que ofende ou magoa. Por exemplo: você me dizer da sua viagem em setembro, você me excluir disso por antecipação e justamente ontem de noite!

Pra mim, isso parece uma coisa: você, depois que me dá amor, me pune inconscientemente por isso (ou pune você mesmo, não sei). Você se sente culpado por estar traindo tua mulher. Tua vida é a coisa mais previsível...

Ele então argumentou com os clichês de sempre:

— Estamos caindo em uma armadilha, esta expectativa de enquadrar nosso encontro em uma "relação". Podemos ter um encontro especial, diferente, em que cresçamos nas nossas limitações, nos nossos desassossegos, nos nossos desencontros. Não tenho nome pra isso. Você me entende?

Não quero repetir neste momento qualquer estereótipo, qualquer nome. A verdade é que estamos nos conhecendo.

Eu recebi chocada a mensagem:

— Pro inferno com essa conversa fiada! Quem quer duas histórias tem dois telefones, duas camas, duas casas, dois tempos, no mínimo! Tem vida própria, disponibilidade. Você não tem. Não quer ter. Já me disse que não quer ter duas vidas. Já me disse que não vai se separar dela. Só me quer como uma espécie de lucro supérfluo e dispensável na sua contabilidade amorosa.

Ele tentou ponderar:

— Depende do teu jeito de entender (ou *querer* entender) cada tempo da vida que vai vivendo. Cada hora é olhar e sentir o lado bom do que está acontecendo. "Não, eu sinto de um jeito só e ruim. É assim que eu sou e não vou mudar." Então tá! Perde você, perco eu. O quê? Tudo de bom que existe entre nós e que, parece, você insiste em querer que acabe. Vive chutando, agredindo. Como querendo chegar a um final, o mais triste. Ou você vai ser mais feliz e eu não tô entendendo nada? Eu só quero mudar o mundo.

— Você não quer mudar o mundo droga nenhuma. Teu mundo é a coisa mais encalacrada que eu já vi. Hipócrita é você. Você pode até querer mudar o mundo por fora, no exterior. Dentro de você mesmo não muda porra nenhuma. A única coisa que mudou no teu mundo depois que eu apareci é que você se casou mais. Foi pra isso que eu servi. Eu mesma me deixei usar pra isso. E não me arrependo. Pode ter certeza disso. Você é um covarde. Até os poemas que te mando você apaga da caixa postal, com medo da mulherzinha pegar. Tua vida é a coisa mais previsível.

— O presente que você me mandou não foi jogado "fora", está comigo, eu li, recebi, adorei, mexeu co-

migo, nos desentendemos, ele está comigo, na minha memória. Não acho que está em julgamento a minha capacidade de jogar coisas fora.

Nada do que eu dizia parecia responder a ele:

— Já é mais do que tempo de pensar o que essa história significa pra você e pra mim. Chega de fugir desse significado (seja lá o que ele for), porque a gente só vai conseguir se magoar cada vez mais. Pra mim, pelo menos uma coisa é clara: não quero mais ser só um caso seu. Quero viver o que eu sinto por você com liberdade, sem esses limites que você impõe, sem condições. Quero tudo: quero mais tempo, quero viajar com você de férias, quero que você durma comigo aqui às vezes. Sem isso, não me procure mais.

Ele entendia o que queria:

— Vou entender só o que me interessa, ou seja, que você me adora, que está com saudades e que de agora em diante não vai mais fazer ameaça boba, que não vai cumprir e que descobriu que a vida pode ser bem melhor se relaxar e só lembrar das coisas *bem* boas que acontecem entre os seres.

Pois eu insistia:

— Só sei que eu não agüento mais isso tudo. Quero de volta a minha liberdade de poder me apaixonar por alguém e ser correspondida integralmente nisso. Ou eu posso viver isso com você, ou mato esse sentimento dentro de mim — porque ele me aprisiona e

eu preciso me livrar, preciso dormir, preciso me entregar a outra pessoa que me queira de verdade, preciso de paz. Pode ser que eu nunca consiga, você vai dizer. Pode ser. Mas certamente não é com você, desse jeito, que vou conseguir.

E Charles mudava de assunto:

— Já sei que não adianta te tratar bem e querer te ver. Você insiste em ver as coisas dessa sempre mesma forma. Que eu não te sirvo, que sou pra você uma enorme frustração, o espertinho, o imbecil que está na situação mais confortável que um ser humano pode estar: duplamente amado-odiado. Lindo, não? Cada um escolheu ver a coisa do pior jeito. Eu queria muito te ver e tentar terminar com esse mal-estar. Será que pode ser?

Eu, então, mandei a seguinte mensagem-resposta:

— Meus encontros com você são cheios de significados e inspiração pra mim. Eu não fico marcando hora no relógio. Aí vem você de noite e estraga tudo isso que eu senti. Você age como se não tivesse a menor noção do que provoca em mim quando me telefona de noite e me alerta, me adverte de que vai viajar em setembro (porque já estava *combinado*) e que esse plano não me inclui. Que crueldade. Não entendo por que eu não sirvo para viajar de férias com você, por que não sirvo para você dormir comigo, para você namorar *também* comigo. Não sirvo. Para isso

você não me quer. E eu, toda vez que a gente se encontra e é bom, eu fico desesperada depois, por perceber o quanto eu quero mais e mais e sempre mais. E qual é o crime de querer mais amor, mais carinho, mais companhia? Qual é o crime?

Ele protestou:

— Sinto tanta falta dos nossos momentos bons! Hoje eu só queria estar perto, trocar carinhos, muitos. Daqueles!!! Às vezes você vem com cada frase feita... Então o amor é essa coisa ruim? Esse risco eterno de abandonar ou ser abandonado? Não quero! Não vivo assim! É muito mais difícil, talvez. Mais complicado... e daí? O amor *tem* que ser bom. Tudo de bom. Só. E aí, é contigo.

Não agüentei a impertinência, gritei:

— Eu já disse: quem quer duas histórias tem dois telefones, duas camas, duas casas, dois tempos, no mínimo! Tem vida própria, disponibilidade — você não tem. Não quer ter. Já me disse que não quer ter duas vidas. Só me quer como uma espécie de lucro supérfluo e dispensável na sua contabilidade amorosa.

Ele de novo tentava ponderar:

— Querida, eu gosto muito de você e estou com saudades. Hoje podia ser um dia ótimo. Pena que você está ocupada. Só pra esclarecer, não te liguei no domingo porque você pediu pra eu ligar só quando tivesse bastante tempo. Hoje eu tinha, desmarquei uma reunião. Agora já marquei outra. Vida agitada... Tenta não ficar com o tal "ódio" de mim. Se pensar em coisa boa pode ser que fique mais fácil. Beijos e beijos.

P.S. Parece que eu já te mandei um e-mail parecido. Não lembro bem, mas acho que você brigou comigo depois dele. Será que vai ser a mesma coisa? Pena... Li hoje à tarde um que nós trocamos quando você fez aquela viagem. Delícia ler aquilo...

Então, em certas fases, as conversas caíam numa troca de informações frívolas sobre o cotidiano, ou em ridículas declarações de amor de minha parte.

Eu:

— Não entendi nada. Não entendi por que você chamou minha mensagem-presente de "porra"... Talvez você não tenha gostado do poema. Paciência. Embora a mim importe, sim, se você gostou ou não das minhas coisas. Eu gostaria que você gostasse de tudo meu no momento (esse egoísmo de quem quer ser amado). Paciência. Não gostei (porque não entendi) do teu palavrão. Você deve ter achado uma merda. Era só dizer: achei uma merda. Não me ofenderia. Eu prefiro as coisas claras, você já percebeu. Então, não gostei (porque não entendi) das frases: "peitos pra que te quero", "beijos pra que te quero". Preferia que elas dissessem o que eu gostaria que elas dissessem: "eu quero teus peitos", "eu quero teus beijos". Mas co-

mo transformar o que você disse no que eu gostaria de ouvir? O que foi que você disse?

Ele:

— Eu estava justamente terminando de ler o teu e-mail respondendo a um outro que eu mandei. Desculpa, escrevi um monte de bobagens, e o "porra" é só uma palavra, que com certeza estava perdida. Vamos adiante. O fim de semana estava agradável. Na sexta, peguei minha irmã no aeroporto. Lá já estavam meus tios com um casal de amigos que também vieram. Depois começou a comilança e a beberrança. No sábado, fizemos o passeio de maria-fumaça...

Eu:

— Pouco me importa o que você faz com sua família. Não os conheço. Não participo dela. Faça o favor de me poupar dessas informações triviais, que não me interessam.

Ele:

— Agora é madrugada aqui. Aí nem se fala, é quase de manhã. Eu não recebi seus e-mails, normal, acontece. Hoje tive terapia. Estava muito bom. Claro que tenho falado do que tem acontecido comigo em relação ao que está acontecendo com a gente. Bem, mas isto é assunto para conversarmos a poucos quilômetros de distância. Eu respeito muito o que a gente tem conversado e o que nós combinamos de conversar sempre. A vida aqui está boa, só falta os negócios

se concretizarem. Um beijo... por essa linha telefônica, que te atinja em cheio e te faça deitar a cabeça no travesseiro por um segundo e relembrar e projetar coisas boas, as melhores, de nós, mas da vida também, do passado, presente e futuro.

Eu (e minhas ridículas declarações de amor):

— Querido: Oi, querido. Mudei de hotel, porque no outro não havia conexão para computador. Estou exausta. A viagem foi muito cansativa. Mas pensei em você no avião. E sempre que penso em você é bom. Antes que eu me esqueça, o telefone. Lembrete-lembrança: eu não me esqueço de você, não quero, não vou esquecer. Beijo grande.

Eu (outra vez ridícula):

— Meu príncipe, teu e-mail foi a melhor coisa que eu podia ter recebido hoje de manhã. Foi como um abraço, teu abraço forte, quente, do teu corpo firme perto do meu. Me senti abraçada e querida como não me sinto faz muito tempo. Queria poder te dar um dia um pouco disso que você está me dando hoje. Você não imagina o quanto é precioso pra mim, o quanto me toca. Foi uma semana meio terrível mesmo pra mim, cheia de sentimentos bonitos por você, de lembranças à flor da pele, de um gozo que se prolonga pelo meu corpo mesmo na tua ausência; esse é o lado bom do terrível, o que há de terrível no amor; mas terrível também por uma mistura de amor e per-

da, pelas pressões do trabalho. Que bom você dizer que eu posso te "usar" como eu quiser para me libertar da dor e da tristeza. Não gosto da palavra "usar", mas vou aceitar a ajuda de todo modo. Quero ficar com você o máximo que for possível, o máximo que você quiser que eu fique, que você deixar que eu fique, o máximo que eu quiser te amar e você me deixar te amar.

Ia assim, ridiculamente, até que eu não agüentava, telefonava para a própria casa dele. Uma mulher atendia. Eu desligava. Voltava à dureza virtual das mensagens eletrônicas: na verdade era eu quem queria me separar:

— Na verdade, eu vou me separar de você. Eu ligo para a sua casa, tenho que atravessar a parede com quem você dorme toda noite, tenho que ser maltratada por você e por ela, e ainda tenho que ser "superior". Pro inferno! Você quer ter razão? Pois fique com toda a razão que você quiser.

Então Charles explodia:

— Incrível como você se torna infantil. E uma situação que deveria ter sido agradável, simples e boa, vira uma bela merda. A coisa toda é assim: eu te liguei ontem e convidei pra jantar. Você não estava, mas, quando chegou, ouviu o recado na secretária e

ficou contente, gostou. Guarda esse contentamento até o dia seguinte, me liga pra contar que gostou. Aí, ela atende. Se você não consegue falar com ela, então não me ligue em casa! Mas você quer que se foda, tudo. Então tá! Mais uma vez, eu tenho que me arrepender de tentar te ter perto. Você não quer! Não quer, não quer e não quer! É você quem não quer. OK! Foda-se tudo! De novo...

Eu apenas contra-atacava:

— Você disse que, se eu namorar o Maurício, vai ser terrível porque ele é do tipo de homem que não permitiria que eu tivesse uma história com você. Pois é exatamente isto que você merecia: um impedimento igual ao que você me impõe.

Ele:

— Eu só queria te ver... sinto realmente que você não esteja bem. Pena que sobre sempre desse jeito pra mim. Eu também estou com problemas, muitos. Mas pra mim não importa o que você significa na minha vida. Só importa que eu gosto de você. É por isso que eu insisto tanto...

Eu:

— Durante muito tempo eu me deixei, para prejuízo inteiramente meu, viver esse papel de idiota, aceitando as condições ridículas que você impõe, as culpas absurdas que você joga nas minhas costas. Não vivo mais. Paciência tem limite. Fica aí no seu mar de

razão, vai viver a vida que você escolheu. "Escolheu", essa é a palavra, embora você não tenha coragem de admitir.

Ele:

— Eu não tenho que admitir nada.

Eu:

— Não espero que você admita isso nem qualquer coisa. Eu não espero que você admita nada. Você nunca esteve de fato interessado em mim, só em você mesmo. Você não se enxerga, quanto mais a mim. Eu não entrei por acaso na tua vida. Fui eu que escolhi você (porque eu tenho coragem pra escolher).

Ele:

— Por que você se gaba tanto de ter coragem?

Eu:

— Não me gabo. Eu tenho. Coragem não serve mesmo para nada. Só pra fazer gente como eu cair em armadilhas do destino com gente como você — e insistir por tantos anos. Eu não me gabo de ser corajosa — eu apenas sou. E ser covarde não é defeito. Atrapalha tanto quanto ser corajoso. O teu problema é que você não admite nem o que é mais óbvio em relação a você: a tua covardia escancarada. Já faz tempo que eu desisti de fazer você admitir qualquer coisa a meu respeito ou a respeito de você mesmo. Tripudiar da minha cara e da minha dor é que você não vai, nunca mais.

Ele:

— Sabe, você me respondeu *tudo* o que eu esperava de você. Não, não seja superior. Nem inferior. Seja assim mesmo, exatamente do jeito que você é. Deve ser bom. Não pra mim... Pra mim, não dá.

Eu:

— Eu já sabia que não dava pra você. "Não dá pra mim...", você escreveu. Não é bom nem ruim ser como eu sou. Às vezes é bom, às vezes é ruim, como acontece com todas as pessoas do mundo. Apenas isso. É ruim ser como eu sou e ter jogada na cara a conclusão de que "não dou para você". Mas eu não posso mudar o meu jeito de ser só para "dar para você". Você não mudou o seu um único milímetro desde que eu te conheço. A mudança teria que ser na personalidade, na essência. Ninguém muda isso. Você não é burro nem ingênuo. Você só quer mesmo é me provocar.

— Será que a gente pode se ver!!?? Já tem tanta coisa ruim acontecendo em volta... Tanta merda que gente como a gente faz, tanto mal... Por que mais de ruim se temos tanto de bom?

Nada do que eu dizia parecia responder:

— Por que você não se separa dela? Você parece não enxergar nem teus próprios movimentos nessa história. Você se fechou num monólito impossível de transpor. Você escolheu namorar com uma única

pessoa, a mesma e velha pessoa que você já conhece. Todo o resto é uma grande brincadeira cruel em que você se deixa envolver por covardia, e de maneira totalmente injusta para com outras pessoas que se apaixonem por você.

Ele:

— O que você quer comigo? Filhos?

Eu, chocada:

— Filhos? Você sabe muito bem que não quero filhos. Jamais vou ter um filho. Filhos fazem duas exigências básicas, a que sou incapaz de corresponder. Primeiro: amor. Filhos exigem amor. Segundo: dinheiro. Não tenho dinheiro, não tenho herança. Quanto ao amor, você está certo. Duvido até hoje da minha capacidade de dar, de receber. Dane-se! Além disso, esta infinita produção de gente no mundo, gente produzindo gente que produzirá gente, me provoca náuseas. Eu quase faço questão de ser um intervalo, uma pausa, um elo perdido dessa corrente infinita. Não quero ter um filho com você. Filho não é curativo para a solidão de ninguém. Pode inclusive significar mais solidão. O que me apavora é a perda. A minha é uma opção racional, essa de não querer filhos. A solução que eu dou para a vida é estética, porque, na minha opinião, a vida real não tem solução. Eu quero um amor. Eu quero você.

Ele:

— Você precisa saber o quanto estou triste. Tentei falar ontem da praia mas o telefone estava ocupado. Talvez tenha sido melhor assim... Queria conversar um dia e tentar acabar com esse mal-estar absurdo. Não sei quando, como e nem por onde começar. Acho que já falamos tudo o que não devíamos. Eu só não queria que a gente se perdesse...

Mas nós nos perdemos. No final, o meu monólogo:

— O que "dá para você" é ter uma mulher que destrata as pessoas que tentam se aproximar de você de um outro jeito. Ela destrata sutilmente. Primeiro, ela tenta demarcar território, como quando me telefonou. E isso é até normal. Demarcar território. É só isso o que ela quis fazer. Eu não acredito em amizade entre duas pessoas que transam com uma terceira.

Eu:

— E você crucificou a nossa relação por causa dessa minha atitude. Você, a partir disso, acabou com a nossa relação. Mas não tem qualquer distanciamento para tratar disso. Você dá todo o aval e todo o consentimento ao jeito dela, às coisas que ela faz. Você é totalmente cúmplice dela.

Eu:

— Eu nunca sentei para "conversar" com tua mulher não por falta de coragem, mas porque eu sim-

plesmente não quis. Isso você não engole até hoje. Não resolvo meu afeto a três, em mesa de bar, não fico amiga de mulher de caso meu, não quero saber. Se eu algum dia tivesse sentido que você me assumia como tua namorada, até poderia ter ido — quem não tem coragem aqui é você, que nunca me assumiu como namorada. Esse "sentar para conversar" de que você tanto fala até hoje era apenas um desejo teu de, por pura covardia, por não saber como fazer, jogar a história toda na mesa, para que ela (a idiota da tua mulher) e eu resolvêssemos por você. Era isso que você queria.

Eu:

— Ter alguém nesse papel de trouxa em que eu me coloquei, agüentando por mais tempo do que eu deveria suas exigências absurdas, suas condições etc., passando pela idiota que interrompe o casal no seu sono matinal foi bom para você e para seu relacionamento com ela. Aposto que você nunca tinha se sentido tão casado.

Eu:

— Não duvido que você use (inconscientemente, digamos) mais uma vez a minha pessoa para fortalecer a transa de vocês. Não tenho mais nada a perder. E essa é a última vez que respondo um e-mail seu.

Eu:

— Então, olha, meu papel de trouxa na vida foi cumprido mais uma vez. Vai em frente. Vocês se merecem. Eu não presto mesmo para você. Nunca me senti tão desvalorizada, tão pouco reconhecida nos meus desejos, no meu sentimento de entrega, de carinho e de amor por um homem.

Eu:

— No momento, só tenho uma tristeza profunda, como eu senti poucas vezes na vida. Nem raiva eu consigo sentir. Eu não esperava que você aceitasse uma única palavra do que eu disse. Esperava exatamente o que você fez: tripudiar da minha cara, da minha pessoa. Exatamente o que eu esperava você fez: tripudiar da minha necessidade de ser amada, dessa merda de amor que você diz que eu quero mais do que os que você encontrou por "acaso" na vida. Eu não quero *mais* amor do que você acha que dá pra tua mulherzinha. Eu quero apenas amor de *namoro*, companhia de *namoro* — apenas isso *que você já tem* e sempre disse que não poderia me dar.

E eu:

— Tripudiar da minha cara e da minha dor é que você não vai, nunca mais.

*

(Mandei apagar do computador, do disco rígido, das partes todas, dos arquivos e esconderijos, toda essa troca de mensagens, todos os documentos. Melhor que não haja registros de Charles na minha vida

— cartas, bilhetes, presentes —, melhor apagar, para sempre.)

* *

Hoje eu vou dormir sem calcinha, porque estou com um corrimento forte — de cheiro forte, de cor forte. Acho que estou doente, durmo mal, acordo no meio da noite. Tivessem descoberto a minha doença, o meu vício, a minha dependência, a minha falta de lucidez, recomendariam logo um médico de loucos, um tratamento médico que jogasse um remédio no lugar do meu cérebro onde se aloja o arrependimento.

Hoje vou dormir sem calcinha. Estou toda sexual, puramente sexual. Outro dia fui a um cinema desses do centro da cidade — desses pornográficos, ver gente fodendo gente na tela grande. Só me interessava ver isso: gente fodendo gente. Homens arregaçando mulheres que arreganhavam outras mulheres que procuravam outros homens que se penetravam uns aos outros. Só me interessava o sexo virtual das telas, os bate-papos entre desconhecidos que nem ao menos se vêem, que se comunicam pela imaginação, pelas falhas, pelos espaços vazios, pelas lacunas, pelas fantasias da imaginação. Eu estava disposta a arranjar um amante que me quisesse.

Faz dias que decretei uma espécie de morte a mim mesma, dez dias sem atender telefone — cobri com

um pano, como quem cobre um defunto, o aparelho da secretária eletrônica. Desliguei o som. Tudo para não ver piscar a luz que indicava os recados. Dez dias sem ouvir o telefone tocar. Dez dias na mais funesta constatação de que não me procurariam.

Mas Charles me procurou. O telefone tocou. A máquina atendeu:

— ...Você ligou para mim no número...

— Vai continuar agindo desse jeito — Charles disse, do outro lado da linha. Do meio do seu egocentrismo, Charles telefonou.

— ... 92... No momento, não posso atender...

— Atende logo essa droga, que eu sei que você está aí...

— ...Deixe o seu recado após o sinal...

— Quer dizer que você vai continuar me tratando desse jeito... Atende!

— ...ou mande um fax...

— ... Alô! Alô!

— ...

— Você quer parar com isso!

— bip-bip-bip-bip... — a máquina desligou.

Tempo esgotado. A vida é cruel. Charles falou com a máquina eletrônica automática em que eu me transformara. (Pois que eu também posso ser cruel. Corro por fora, um corpo, dois corpos... Ninguém nunca deu nada por mim.)

E Charles ligou de novo. Do meio da sua arrogância contrariada, ele insistiu.

— ...Não posso atender no momento... (a máquina dura respondeu.)

— É isso que você quer? Pois é isso que você vai ter. Tudo isso é uma perda de tempo. Atende esse telefone! Alô!

— ...Deixe o seu recado...

— Alô! Alô!

— ... após o sinal...

— Você é uma idiota... É uma puta de uma idiota!

— ... ou mande seu fax...

— Eu quero falar com você, porra, atende!

— ...

— ! (bateu o telefone).

— bip-bip-bip-bip...

Mais tarde, outro telefonema. Do meio de seu cinismo de bígamo, ele tornou a ligar:

— Aqui é o número 6548-...

— ...

— Não posso atender no momento...

— ...

— ...Deixe o seu recado...

— ...

— Alô! Alô!

— ... após o sinal...

— ...

— ...Se for urgente, ligue para...

— ...

— ... ou mande seu fax...

— ...

— ...

— ...

— bip-bip-bip-bip...

(Desliguei a máquina, apaguei da fita as gravações. Não quero vestígios dele na minha vida. Melhor que não haja registros nossos — cartas, bilhetes, presentes —, melhor apagar, para sempre.)

* * *

Luz vermelha piscando. Não havia nenhuma emergência. Meu telefone celular também estava desligado. Eu estava afastada do mundo como bicho que se esconde e se protege dentro da copa de uma árvore. Eu já não ajo nem reajo. Afogado no seu egocentrismo, Charles não percebeu que há tempos eu já nem ajo. Não percebeu que eu perdi a fala — na verdade estou aos poucos esquecendo seu corpo, já não me lembro da cor dos seus olhos, da curva de seu pênis, do sabor doce-amargo que tinha.

Eu podia muito bem me recuperar e dizer:

— Eu nem gostei tanto assim de você; foi mais quando você me deixou que eu senti a perda.

Pois que eu também sei ser cruel, pois que não estou aqui nesta vida para agradar a ninguém, pelo contrário, eu vou sozinha, como sempre fui.

O meu destino sou eu com todas as minhas imperfeições, andando pela rua feito um manco — é para isso que apontas tu e tua recusa, para mim, eu e o meu destino cheio de imperfeições. Mas somos todos mancos, quer demonstrem, quer não nossos corpos físicos.

O que nasceu e morreu fui eu — eu sozinha, eu sem ninguém. É desta "eu", é deste sangue que preciso me lembrar sempre, que preciso nunca me esquecer de recuperar, de levar comigo como única coisa possuída, como único fardo a carregar. Sobre esta "eu" preciso nunca me iludir de que tem companhia, de que está acompanhada porque não está, simplesmente nunca esteve. Todas as vezes foram ilusões. Quem fará o favor? Quem fará o favor de olhar para a minha cara feia? Quem fará o favor de se apaixonar por mim?

Este livro foi composto na tipologia Minion, em corpo 12.5/18,
e impresso em papel pólen bold 90g/m²
no Sistema Cameron da Divisão Gráfica da Distribuidora Record

Seja um Leitor Preferencial Record
e receba informações sobre nossos lançamentos.
Escreva para
RP Record
Caixa Postal 23.052
Rio de Janeiro, RJ – CEP 20922-970
dando seu nome e endereço
e tenha acesso a nossas ofertas especiais.

Válido somente no Brasil.

Ou visite a nossa *home page*:
http://www.record.com.br

Deveria haver uma lei que proibisse a obscenidade do abandono. Um decreto cheio de artigos, parágrafos, itens e subitens que proibissem a usurpação das ilusões e as fraudes amorosas. Que estabelecesse o direito humano inalienável e incontestável de ser amado pela pessoa amada.

Ser abandonada. Como uma bofetada. Que não pára de arder e de ressoar nas mínimas coisas que ficaram. Do abandono, tem dias que se acorda com cara de louca. Ou dias que, se é que se acorda, não se tem como saber, porque o pesadelo não é interrompido. Em *Obsceno abandono*, Marilene Felinto se permite dissecar a dor do amor partido — sem pejo, sem salvaguardas, sem vergonha de sofrer e de reconhecer-se sofrendo, até um extremo que não se imaginaria suportável.

Nesta novela amorosa, vergonhoso, obsceno, é abandonar o ser que se ama. A palavra *dilaceramento* se firma como contrapartida eventual da coragem de quem corre o risco, da dignidade da entrega desmedida. A dor é parte, apenas isso, desta mesma grandeza.

ISBN 85-01-06381-9

9 788501 063816